

LIÇÕES DA PSICOSE

Teses e Referências

A base do percurso é a concepção lacaniana do Nome do Pai, tal como apresentada no *Seminário 3*, a seguir corrigida por suas indicações sobre o Outro e o furo no *Seminário 10* e finalmente associada à sua relativização a partir da noção de nó borromeano, no *Seminário 23*.

Este percurso é elaborado por Jacques Alain Miller em seu seminário *Orientação lacaniana* e explicitado sobretudo em *A conversação de Arcachon* e *O último ensino de Jacques Lacan*.

Do secretário

1. O secretário nomeia para nós, no encontro com a psicose, uma posição específica. Ela se põe a serviço da estabilização de uma existência como da estabilização de um texto (de uma narrativa, dirão alguns, de uma ficção, dirá Lacan).
2. Um texto é estável se encerra uma verdade meio-dita (se toda dita perderia seu valor se nada dita fugiria do texto). É o que Lacan denomina ponto de basta.
3. As metáforas costumam ser nossos pontos de basta quotidianos por instituírem, a partir de uma comparação (da substituição de um significante por outro nos termos de Lacan), um “a-mais” de significação presente e imprecisa que nos satisfaz (ex do analista e do pintor).
4. Que aceitemos um impreciso “+”, não esgotado pelo dito e que esse faça efeito de estabilização supõe a crença de que alguém em algum lugar o definiu integralmente um dia, ou virá um dia a defini-lo. Esta crença é o que Lacan chama de Nome do Pai (“metáfora paterna” é como ele denomina e constituição mítica dessa função de garantia, universal e vazia, que garante a estabilização metafórica de um texto).

Do furo

1. Que o pai seja sempre incerto lê-se com Lacan como “o pai é um furo no Outro”. Em outros termos, sua autoridade é dada apenas por um ato de crença.
2. O Nome do pai é exatamente isso, um furo. Só que no infinito. Por estar sempre além, nunca encontrado, é que ele estabiliza o Outro.
3. Se não há furo há “transbordo”. Há o Outro da presença pura e disforme, angústia.
4. O Nome do pai não é a única maneira de se estabilizar um furo. A metáfora delirante constrói um furo a partir de uma significação já pronta da cultura (em vez de um furo uma imagem, pois Lacan considera imaginário e sentido como equivalentes).
5. A passagem ao ato é uma tentativa desesperada de fazer furo no Outro. Assim como o ato ela não é pura agitação. Depende de coordenadas simbólicas, uma cena mínima (cf. “morreu na contramão atrapalhando o tráfego”).

Da bengala

1. O Outro é povoado por metáforas semi-prontas, sentidos do senso comum. Caso haja furo ele é ordenado, cada palavra carrega consigo uma significação que recorta um fragmento limitado do real. Caso não haja furo, o Outro do transbordo é feito de uma pura “significância” sem corpo, de um lado, e uma torrente de falas sem nexo de outra. (cf. Schreber e seus pássaros, por exemplo).

2. Quando há Nome do Pai, uma dessas imagens disponíveis da cultura se destaca para representar o poder transcendente do pai. A principal, segundo Freud é o totem que tem em sua imagens mais original o pênis.

3. Lacan denomina falo imaginário a este aspecto de insígnia de poder apresentado, em nossa sociedade pelo Pai. Mas acentua o fato que o essencial é que, ao erigir-se como representante do poder paterno, o falo institui a falta (entre mãe e filho, por exemplo). O Nome do pai, no infinito, é encarnado pelo falo imaginário, aqui e agora e não no infinito. Dessa forma, ao furo no infinito responde uma falta aqui e agora.

4. É essa falta que intermediará as relações no interior do campo edípico. No caso do psicótico, as imagens de poder terão que se agenciar de outro modo para produzir um furo, já que não poderá representar o Nome do Pai que não está mais no firmamento (qualquer semelhança com estado atual da cultura não é mera semelhança).

Referências

- A verdade como meio-dita

‘A verdade só existe em uma estrutura de ficção’ (E-828), **ou** ‘A verdade só se institui pelo fato de que se fala’ (E-884). **Mas** ‘É impossível dizer toda a verdade’ (OE-508), **ou** ‘Nenhuma linguagem poderia dizer a verdade da verdade’ (E-881). **Donde** ‘A verdade só pode ser meio-dita’ (OE-390).

- O ponto de basta como verdade e como furo

‘O ponto de basta é um ponto de convergência de todas as linhas de força de um texto’ (III-303) que ‘tal como o umbigo do sonho, é um furo’ (III-394).

- A metáfora e o “+” de significação

‘A estrutura metafórica indica que é na substituição de um significante pelo outro que se produz um efeito de significação (+)’ (E-518) **ou** ‘A metáfora brota entre dois significantes, dos quais um se substitui ao outro em um texto’ (E-510). ‘A estrutura da metáfora é simbolizada pela fórmula $S/S = S(+)$ s (E-518). ‘O sintoma é uma metáfora’ (E-532).

- O Nome do Pai como furo

‘Um pai pode encarnar a função paterna, mas a função não se confunde com o personagem’ (E-279). ‘O Nome do Pai diz respeito apenas à função paterna’ (E-279) (às vezes chamada por Lacan “pai simbólico”). ‘O Nome do Pai é o pai morto de *Totem e Tabu*; é o pai como elemento de incerteza essencial, pura fé na tradição ou em outros termos, no simbólico’ (E-562) ‘O Nome do pai é um furo’ (XXIII-20-26, 36, e Regnault-87).

- A metáfora paterna e a delirante

‘A metáfora paterna é a operação que institui este furo no infinito que é o Nome do Pai’ (E-563). ‘O delírio é uma metáfora’ (E-583). A metáfora delirante de Schreber institui um ponto no infinito por meio de um delírio assintótico (E-578). ‘Ele institui o benefício da dúvida onde só havia a terrível certeza da angústia’ (X-88). O Nome do Pai é apenas uma forma entre outras de fazer ponto de basta

- Do transbordo

‘A presença do Outro como tal, maciça, é anterior a tudo o que podemos elaborar ou compreender e é apenas pressentida na angústia’ (X-31). O Outro na psicose é o simbólico enquanto tal, a linguagem a cultura, tudo, como alteridade maciça e fundadora (III-227). Tal é a ordem de presença que se ativa em nós tal como se Deus falasse (X-92). É o Outro da angústia (X-92). Que é feito também de linguagem: “para o esquizofrênico todo simbólico é real” (E-394).

- Da passagem ao ato como tentativa de dar ao Outro um furo

‘A localização de um vazio (furo) é essencial para que em vez de angústia haja desejo’ (X-83-84). ‘Há sempre um vazio a ser preservado, se totalmente preenchido surge a angústia’ (X-72). ‘Este furo tem uma função estruturante’ (X-67).

- Da bengala e do falo

‘O falo é o símbolo de um objeto imaginário’ (E-560) ‘O falo tem um aspecto imaginário’ (E561) **mas** O efeito do falo não é imaginário’ (E-696) ‘Sua função é a de sustentar uma falta (um furo na imagem), a da função de um significante perdido’ (E-689 e sobretudo III-357-8).

Bibliografia

LACAN, J. *Escritos*, Rio de Janeiro, JZE, 1998.

Outros Escritos, Rio de Janeiro, JZE, 2003.

O seminário livro 3, Rio de Janeiro, JZE, 2005.

O seminário livro 10, Rio de Janeiro, JZE, 2004.

O seminário livro 23, Rio de Janeiro, JZE, 2007.

MILLER, J. A. *Orientação lacaniana*, seminário do departamento de psicanálise da Universidade de Paris VII (inédito). “O Outro que não existe e seus comitês de ética” lição de 18/12/96.

Los inclassificables de la clínica psicoanalítica, Miller, Jacques-Alain y otros, Buenos Aires, ICBA, 2005 ou *La conversation d’Archachon*, Paris, Seuil, 1998.

“Esquizofrenia y paranoia”, *Psicosis y Psicoanálisis*, Buenos Aires, Manatíal, 1985.

“Clínica irônica”, *Matemas*, JZE, 1996, pp. 190-200.

“O último ensino de Jacques Lacan”, *Opção lacaniana*, n. 35, São Paulo, EBP, 2003, pp. 6-24.

REGNAULT, f. “o Nome-do-Pai”, *Para ler o seminário 11 de Lacan*, Rio de Janeiro, JZE, 1997, pp. 80-92.